

TAUBER, Alfred I – *Patient autonomy and the Ethics Responsibility*. Cambridge (MA): The MIT Press, 2005, 328pp

O princípio da autonomia do doente tornou-se, nas últimas décadas, um factor dominante na ética médica, à luz do qual se deveriam examinar todas as decisões tomadas no decurso da prestação de cuidados de saúde. Por oposição à atitude médica, de origem hipocrática, de se considerar o profissional de saúde como o melhor advogado do interesse dos doentes e o decisor mais apetrechado, atitude essa designada como paternalismo médico, o respeito pela capacidade do doente se governar a si próprio e tomar decisões acerca da sua saúde tem-se imposto em vasta medida. Todavia, reconhece-se cada vez mais que a autonomia do paciente tem limites, pode conflituar com outros princípios considerados como tendo valor *prima facie* (particularmente com a beneficência) e muitas vezes não pode ser exercida (doentes menores, incapazes, incapacitados, em situação de ansiedade, medo ou pânico)

Parece-nos por isso particularmente importante este livro de Alfred Tauber que, sendo Professor de Medicina e de Filosofia na Universidade de Boston, inscreveu como epígrafe e *leitmotiv* da sua obra o aforismo de Galeno, “o melhor médico é também um filósofo”. O Autor encontra-se assim em boas condições de analisar o conceito de autonomia, de emergência recente, com os contributos de Locke, Kant, Hume e Stuart Mill a delinear os seus traços e a tornar-se verdadeiramente importante, e até persuasivo, a partir do movimento dos direitos humanos, isto é, ao passar da esfera do social e político para o âmbito da ética.

Tauber dissecou a história e a natureza da relação médico-doente e a sua relação com o conceito de pessoa e dignidade humanas, para avançar uma teoria sobre a competição, na medicina, entre factos e valores, concluindo que a autonomia do doente tem de ser reconfigurada à luz da responsabilidade e beneficência do médico. A beneficência e a responsabilidade são princípios morais compatíveis com a autonomia do paciente, podendo até reforçar o seu papel: desta forma, a medicina pode humanizar-se e tornar-se mais eficaz.

O que o Autor propõe é uma verdadeira aliança entre paciente e cuidador, em clima de “intimidade moral”. Estes conceitos devem encontrar reflexo no *curriculum* das escolas médicas, de modo a que os futuros médicos adquiram a armadura moral que lhes permita encarar, na sua prática, os problemas que se lhes depararão, conseguindo conciliar o respeito pela autonomia com a sua dedicação ao inalienável dever de cuidar ou até de curar, que é da sua responsabilidade pôr em prática.

A obra é acompanhada de extensas notas, de uma longa lista bibliográfica e de um índice alfabético remissivo.

Walter Osswald